

mapa inventário

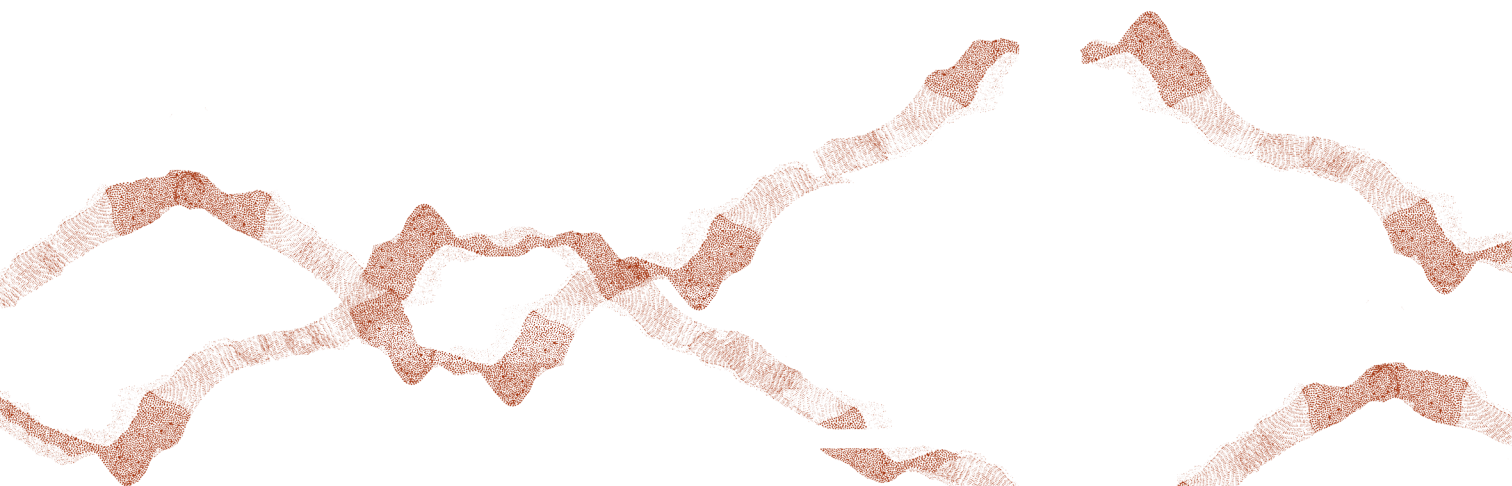


Fernanda Asteracea
Luana Oliveira

mapa-inventário: um mapeamento
de livros de artista produzido por mulheres
no Recôncavo Baiano.

1ª edição



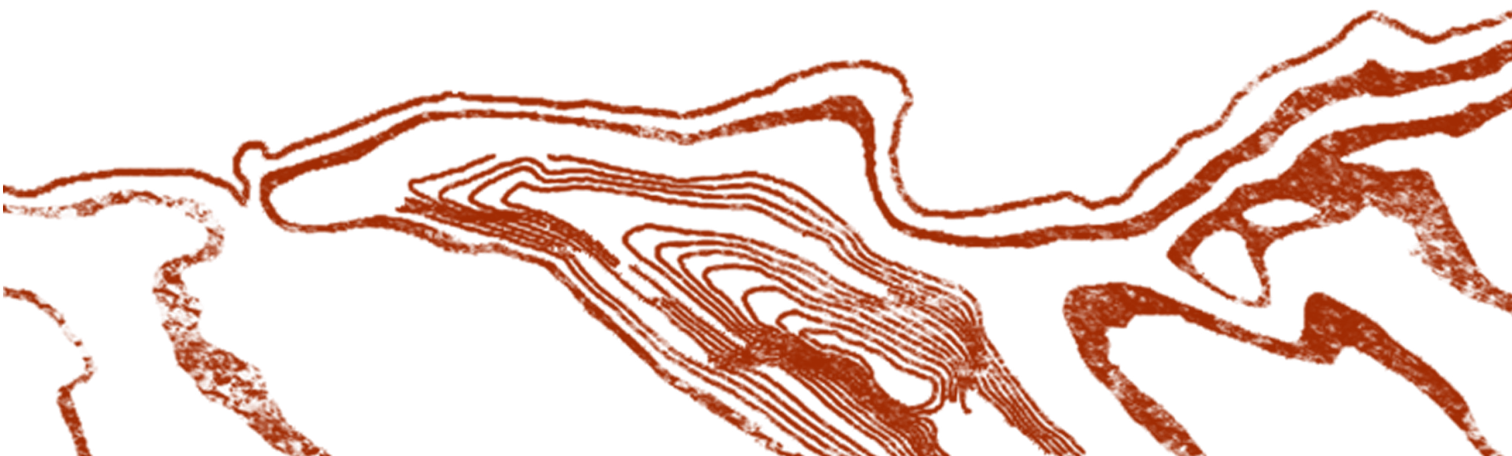


"Nossas costas contam histórias que a lombada
de nenhum livro pode carregar."

Rupi Kaur

SUMÁRIO

05	CONVITE À DERIVA
06	CARTOGRAFIAS DO OBJETO LIVRO
10	APONTAR AS COORDENADAS
16	DELIMITANDO O MAPA
18	DESLOCAMENTOS E ROTAS A SEGUIR
20	MAPEAR AS ÁGUAS DO PARAGUAÇU
21	NORTE AO SUL, CAMINHOS DO RECÔNCAVO
23	OS PONTOS NO MAPA
24	O INVENTÁRIO
52	DELINEAMENTO CARTOGRÁFICO



CONVITE À DERIVA

O mapa que aqui se apresenta convida leitoras e leitores a percorrerem as águas do Paraguaçu, aportarem nas produções de livro de artista e adentrarem um inventário constituído por mulheres do Recôncavo da Bahia. O texto a seguir estabelece uma cartografia em fluxo, rotas e deslocamentos alinhavados a partir do trajeto desta pesquisa. Traçamos neste livro a ideia de um mapa em movimento, que não sinaliza seu início, tampouco o fim, mas aponta fragmentos de um percurso continuamente à deriva.



CARTOGRAFIAS DO OBJETO LIVRO

Frequentemente estamos acompanhadas/os pelo objeto livro, seus saberes, histórias contadas e narrativas que nos encantam, trazendo outros mundos num punhado de palavras, páginas e cores. Logo cedo aprendemos que o livro é aquele conjunto de folhas impressas que nos comunicam algo; sua presença se faz em nossa primeira coleção de revistas, nas histórias que nos são contadas, naquele álbum de família, no manual de instruções de um objeto ou naquele livro de receita que nossa mãe ou avô possui.

Todo livro é uma porta, um caminho para vários outros e para diversos lugares. Existem aqueles coloridos ou com somente uma cor, há livros ilustrados, ou somente com palavras, livros infantis, de romance ou mistério, aqueles que carregam somente uma história e outros que registram inúmeras. De modo geral, resgatam nossas memórias e também as preenchem com outras. O livro nos conecta – não há quem observe uma/um leitora/o e não imagine o que ela/ele está lendo –, para além disso, ele nos apresenta ao mundo e nos provoca curiosidades.

Por meio do livro algumas pessoas se preenchem, por exemplo, de palavras; já para outras não basta somente ler, pois há uma fome de externalizar e criar a partir de suas próprias narrativas, cativando alguém, da mesma forma que outros os cativam. É possível que daí surjam diários, vários pedaços de papéis acumulados, com riscos soltos – quando se percebe, a mão percorre uma página, vasculhando cada centímetro a preenchê-la.

O livro tal como o conhecemos, em sua maioria, conta-nos algo e sua existência se basta nisso; o chamamos de livros funcionais, aqueles que seguem um modelo mais padronizado, seguindo o famoso “codéx”. Geralmente tem seu formato, diagramação,

disposição e montagem pensados por uma editora, seja seguindo um fluxo industrial ou mais artesanal. O livro é idealizado para comunicar algo, seja ele de poesias, romance, contos, receitas e outros – há uma infinidade de temas que podem ser abordados em uma publicação. Normalmente são feitos de papel, possuem uma capa, contracapa, folha de rosto e miolo, onde está seu conteúdo.

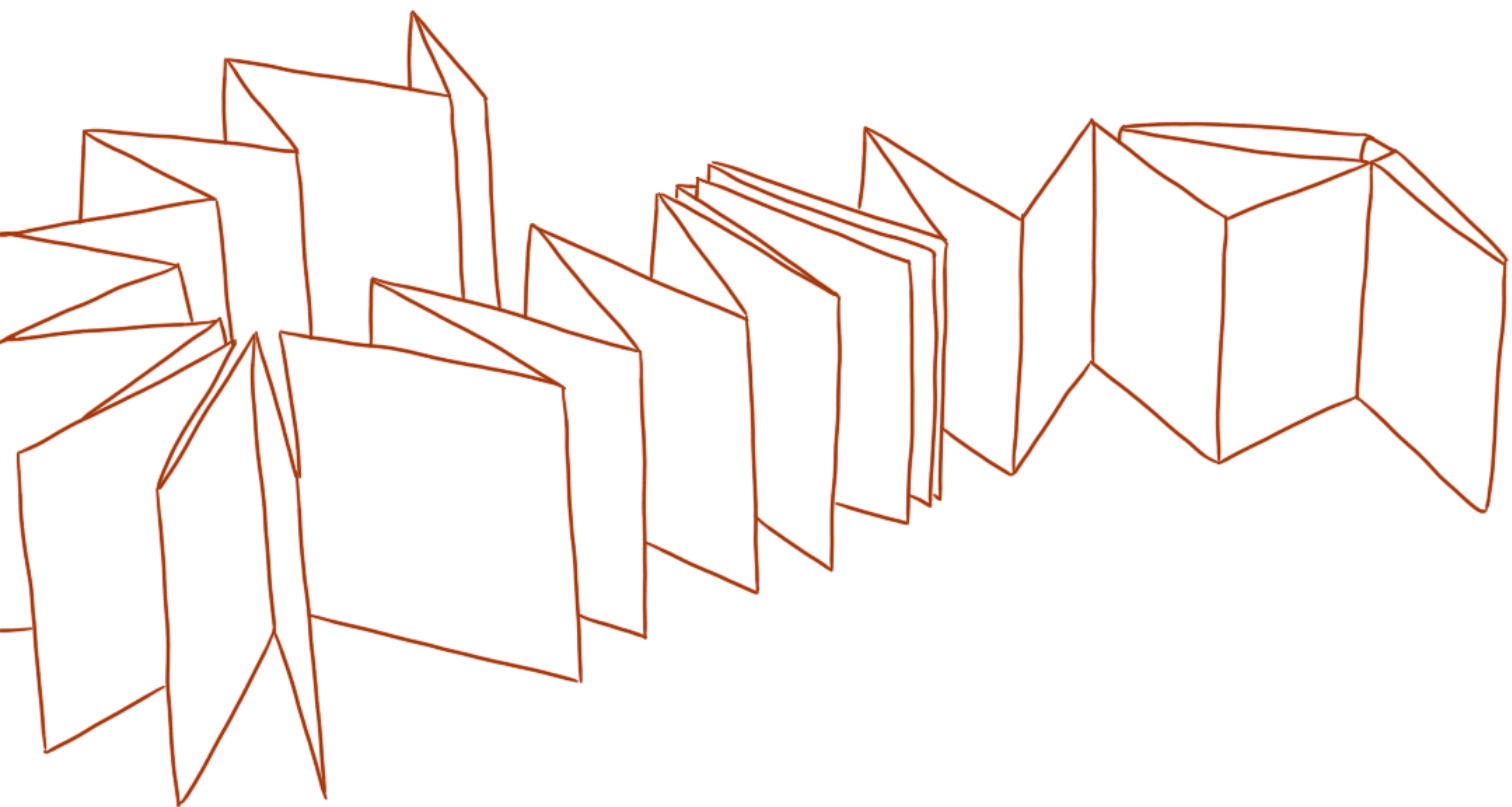
A partir da inquietação e interesse por criar livros, muitos escritores/artistas repensam seu formato, instigados em explorar outras possibilidades de fazê-los. Trata-se de um processo diverso no qual é possível acumular palavras, fotografias, recortes de revistas, em que também podem ser usados madeira, linha, tecido e outros materiais não convencionais.

O que cabe nas páginas de um livro? Letra, palavra, texto, imagem. E além disso? Ausência de letra, palavra, texto, imagem. Cabe a página em branco, o rasgo da página, madeira, tecido, cabem coisas diversas, objetos colados na folha.

A amplitude do que pode (ou não) caber nas páginas de um livro compreende um conceito básico do que vem a ser um livro de artista, pois ele é, antes de tudo, um espaço de experimentações, onde é possível explorar formas, cores, tipos de letras, texturas, de modo incalculável.

Desse modo, o livro tal como o conhecemos – em seu formato habitual, enquanto obra literária –, passa a ser uma obra expandida, abrindo espaços para outras formas de narrativas. Para além do que é contado, importa também como se é contado – no geral, ocorre um convite ao manuseio, à fruição da forma. O livro de artista tem significado pela maneira como se apresenta e não somente pelo que dele é lido, como normalmente se espera de um em formato mais padrão.

Esse tipo de objeto não se restringe à característica de um livro funcional, meramente informativo, e entende-se enquanto objeto de natureza mutante, experimental, tanto para o artista, como para quem o manuseia. Ele, em si, pede e provoca a interação, uma vez que se expande com relação a um objeto tradicional, podendo ser feito a partir de xerox, bordado, colagem, gravura, talho em madeira – tudo se torna possibilidade para criação, a partir da poética a ser explorada.



A conceituação para livro de artista é muito difícil de ser delimitada devido à variedade de formas exploradas em tais objetos, sendo que a cada novo livro criado, este conceito pode ser repensado. Assim, por causa dessa grande variação estética e de experimentação, ele pode ser referenciado de diversas formas; e ainda que denomine-se “de artista”, sua feitura pode ser realizada por qualquer pessoa com sensibilidade para tal. Em suma, é um fazer artístico e um convite ao experimento.

É interessante destacar que até a nomenclatura “livro de artista” se alarga, pois permite uma série de variações: livro-expandido, livro-obra, livro-poesia, livro-objeto, diário/ escritos de artistas, livro-performance, livro-nada, foto-livro, livro-arte. Eles geralmente são pensados e criados pela/o artista, desde o seu conteúdo, à montagem. Às vezes, é feito por várias mãos, ou também em uma pequena tiragem, sendo assinados ou não – tudo depende de quem o cria e da forma como esteticamente o imagina. É importante pontuar que o livro de artista se basta em si.

Seu amplo conceito não se restringe às inúmeras possibilidades de suporte, mas abre brecha também ao modo como esse livro pode circular. Em pequena tiragem ou não, feito digitalmente, em programas de editoração, ou página a página, manualmente, ele pode e pede uma saída dos espaços institucionalizados. Desvia um pouco do lugar de objeto de arte que deve estar contido num museu e ocupa também prateleiras em livrarias e feiras de impressos. Assim, o livro de artista torna-se também uma ferramenta de/para circulação/manuseio desse lugar de experimentações criado pelo artista, de maneira mais autônoma e independente.

APONTAR AS COORDENADAS

Os livros acontecem como uma forma de registrar e preservar memórias e conhecimento. Frequentemente há todo um ritual ao se tocar tal objeto; muitos o cheiram, procuram um lugar silencioso para se debruçar na leitura, outros o têm como um passatempo para ler durante viagens. A ansiedade de abrir o livro, percorrendo página por página, faz com que algumas pessoas criem uma atmosfera para a leitura e busquem um modo de fazerem parte da narrativa. É possível que muitos pulem páginas, enquanto outros a lerão detalhadamente, linha por linha. O que prevalece é a curiosidade em abrir o livro, conhecer o que há por trás de sua capa e deixar que ele nos transporte.

Diferente do tradicional, o livro de artista nos convida não só para adentrar o universo de conhecimentos ou memórias ali presentes, mas nos convoca a reinventar nossa maneira de manusear livros. Mas, afinal, o que o difere dos demais?

Quem cria um livro-objeto tem total controle sobre ele. Suas páginas – quando é possível associar essa lógica de configuração ao objeto – não estão ali somente para contar uma história, ilustrar com imagens um texto ou apresentar obras de arte. Compreendemos todo ele enquanto obra de arte; todavia, é válido destacar que trata-se de uma lógica distinta das que frequentemente ainda circulam em museus, onde porventura haja um sistema de arte muito delimitado e engessado, preso ao conceito de “cubo branco”, o qual influencia na forma como o observador visita às exposições e contemplam os trabalhos artísticos.

Através da criação dos livros-objeto, por volta das décadas de 1950/60/70, alguns artistas passaram a questionar o sistema de museus e galerias, o status das obras clássicas (pinturas, esculturas, etc.), pensando em suas conformações e buscando trazer outras formas de se pensar e consumir arte. Uma diversidade que permitisse ao fruidor

interagir e experienciar a produção artística de variadas maneiras, além de pensar distintas estratégias para circulação das artes visuais e literárias. É nesse contexto em que os livros de artista se instalam e tentam reelaborar outros contornos e movimentos, compartilhando em suas páginas, linhas, imagens, sortidos diálogos com o espaço-tempo-leitor.

Eles nos convidam ao gesto/ação do encontro e, ao serem manuseados, nos levam a reelaborar a maneira como interagimos com livros e obras de arte – afinal se criam e recriam no próprio devir livro. Experimentando-reinventando-expandindo, nunca sabemos ao certo o que iremos achar, uma vez que são concebidos a partir do conceito visual e estético que o artista busca em sua criação, e que podem se ampliar ainda mais por meio da fruição.

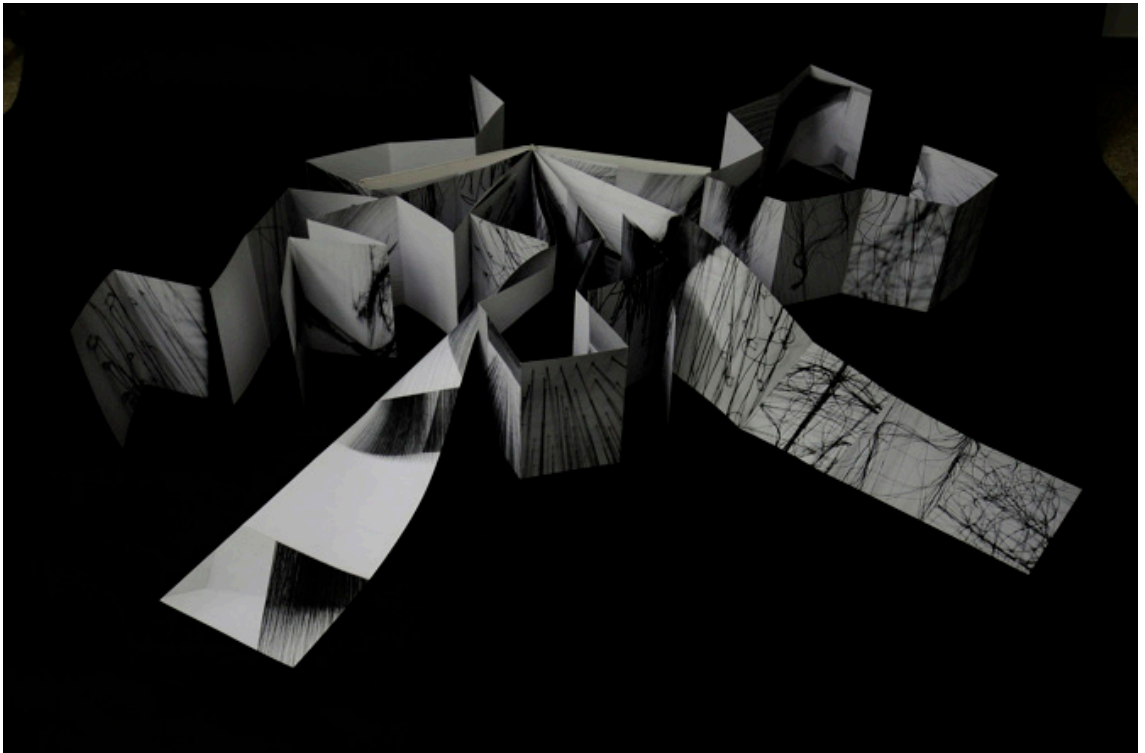
Acompanhando linhas, palavras, desenhos, texturas, formas, em sua pluralidade, o livro de artista foi “reconhecido” no Brasil em meados das décadas de 1950/70, através de movimentos que pensavam em explorar o texto não somente em função do que ele informa verbalmente, mas também o que expressa enquanto visualidade. Junto ao movimento da arte-postal, alguns artistas repensaram o manuseio do fruidor, reinventando nossas posturas diante das obras de arte, revendo sua aura de preciosidade e divindade.

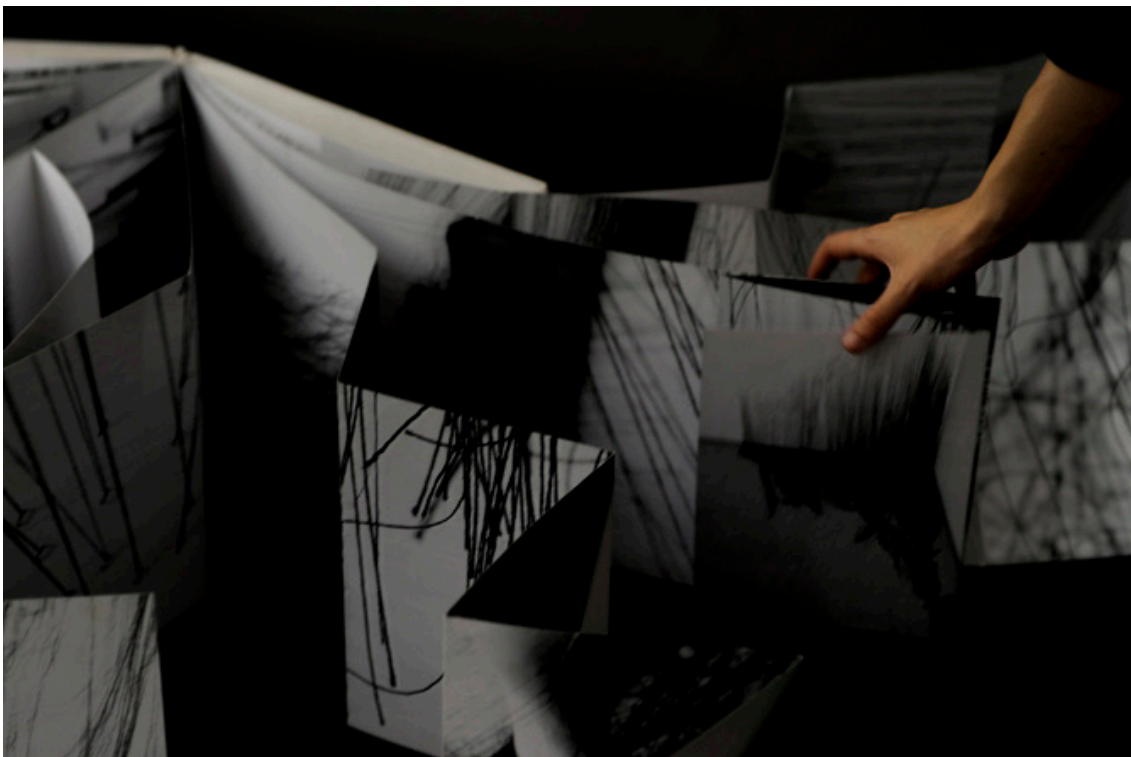
As marcas deixadas pelos movimentos concreto e neoconcreto para a Arte e Literatura, no Brasil, são de tamanha importância pela forma como eles reinventaram o fazer artístico, as interações entre as linguagens, materiais e ações. Lygia Canongia, nos apresenta que foi um momento em que além da experiência do corpo, a arte brasileira começava a discutir o primado do visual, a questionar a pureza dos meios e dos suportes artísticos, e a pensar na alteração do lugar da arte. Os artistas iniciaram então um verdadeiro “laboratório de invenções” libertando-se das linguagens convencionais. (CANONGIA, 2002, p. 95)

O livro-objeto visa então ampliar seu conceito através de uma linguagem que remeta a mais significados, indo além do que somente o texto poderia expressar. Assim, o/a artista passa a ter mais percepções sobre o processo, onde a escolha de materiais

expressa além de uma estética visual, atribuindo outros significados à produção, na qual a pluralidade de ação criativa/conceitual aciona potência em si mesma.

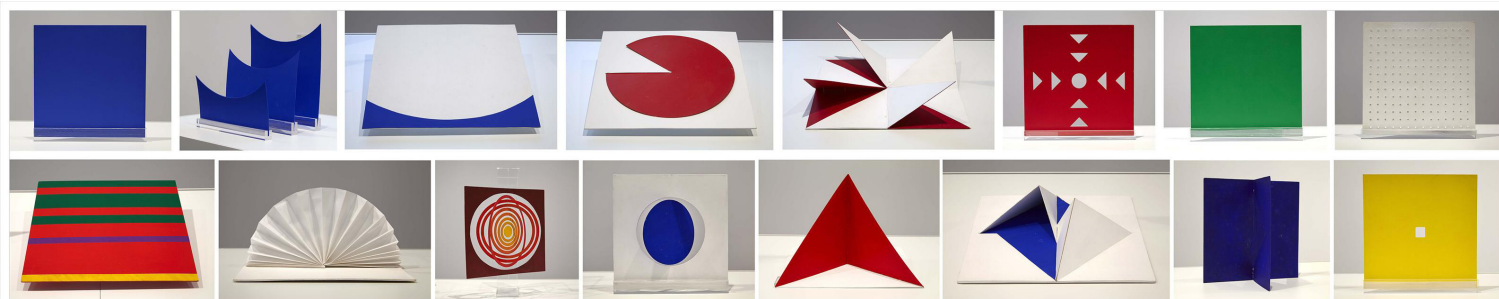
Frequentemente é observada nesses objetos uma relação direta com o aspecto escultural, quando as páginas partem não só do lugar de suporte onde é anexado as informações, mas passam a ter um sentido próprio a cada contexto. Através da tridimensionalidade é possível estabelecer diferentes interações com o espaço/tempo/leitor – elementos estes, fundamentais. Observamos um exemplo disso na obra “Rasuras” (2002), de Edith Derdyk.





Edith Derdyk, "Rasuras". Livro de Artista, 2002.

No Brasil, o livro de artista parte de experimentações iniciadas a partir de grupos como o Fluxus e artistas como Paulo Bruscky, Julio Plaza, Lygia Pape, Artur Barrio, dentre outros. Lado a lado com os movimentos da poesia visual, concretistas/neoconcretos, passa-se a pensar as palavras, o texto e a imagem, para além de seu significado conceitual, explorando-os também pelo modo como se apresentam esteticamente.



Lygia Pape. "Livros de Criação". 1959

Muitos artistas e escritores, no decorrer de suas trajetórias criativas, estão sempre acompanhados de cadernos onde depositam anotações, esboços, colagens, qualquer registro de seus processos. Alguns desses objetos passam a se apresentar como livros de artista, que não são feitos com o intuito inicial de serem um livro, mas comportam, em suas páginas, percursos e derivas de uma produção. Aspecto como estes podemos observar nos diários de Frida Kahlo, por exemplo, onde a artista nos apresenta, de uma forma íntima, seu dia a dia e pensamentos sobre a vida.

Como já mencionamos aqui, livros de artista são plurais em sua forma e sua nomenclatura corresponde àquilo que o artista quer expressar, conceitual e esteticamente. É possível que sejam serializados – por vezes em pequenas tiragens, assinados ou não –, contudo, em alguns casos assumem o caráter de único, materializando-se em somente um exemplar.



Frida Kahlo, diário.

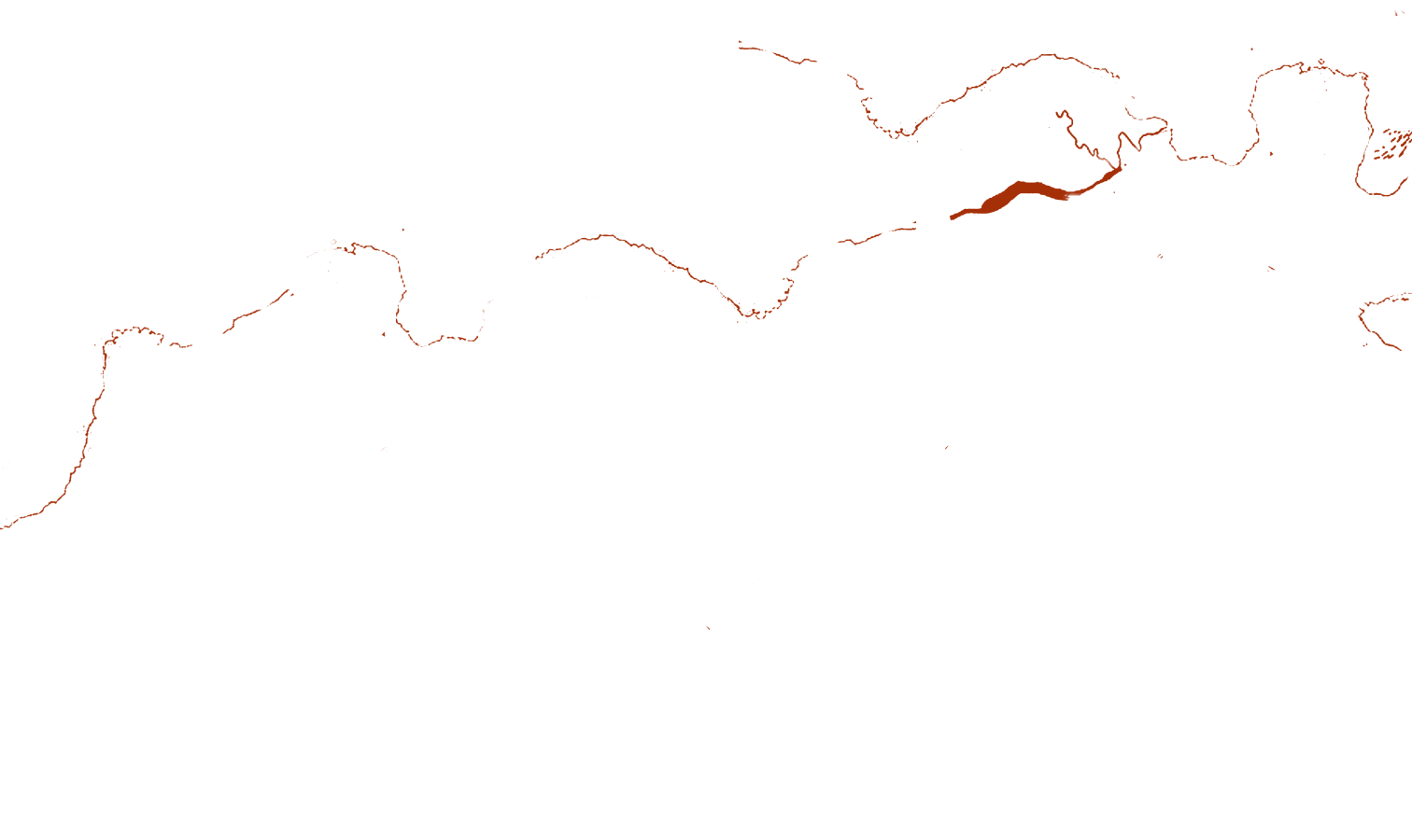
DELIMITANDO O MAPA

Refletindo sobre a autonomia e circulação do livro de artista, podemos comentar sobre a importância das feiras de impressos para sua produção e divulgação. A exemplo da Tijuana, a primeira feira de arte impressa do Brasil, realizada desde 2009, em São Paulo, com a participação de editoras brasileiras e estrangeiras, com publicações em diferentes formatos. Além dela, há a Feira Tinta Fresca, Feira Plana, Feira Míolos, dentre outras. Observando tal manifestação cultural na Bahia, mais precisamente dentro de Salvador, é possível citar outras feiras que fortaleceram o movimento, criando uma plataforma para muitos artistas e editoras independentes mostrarem, divulgarem e venderem suas obras.

Como ação inaugural do circuito de trocas sobre experimentações gráficas e livro de artista, ocorre dentro do Festival de Literatura e Ilustração da Bahia, por iniciativa do Coletivo Sociedade da Prensa, a 1ª Feira de Publicações Independentes – ela aconteceu em 2015 e na edição seguinte chamou-se Tabuão Feira de Impressos. Já em 2017, divide-se em outras duas, a Feira Ladeira Arte Impressa e Publicações Independentes e a Paraguassu Feira de Impressos, que aconteceu entre os municípios de Salvador e Cachoeira, com o projeto Baía Gráfica, também realizado pelo Coletivo Sociedade da Prensa.

Vale citar algumas editoras independentes que surgiram ou ganharam força a partir desse movimento das feiras de arte impressa em Salvador: Editora Gris, Riso Ativa, A margem ; press, dentre outras. Ainda nos espaços de investigação do objeto livro de artista, há a Tiragem: Laboratório de Livros, uma editora universitária que surge como projeto de extensão da EBA – UFBA, e a Incubadora de Publicações Gráficas, projeto de criação e desenvolvimento de livros de artista, com iniciativa da RV Cultura e Arte.

Assim, as feiras de impressos e toda a movimentação de trocas e diálogos que elas provocam, compõem um território muito fértil à investigação e disseminação do objeto livro de artista. Além do potencial de instigar o público a ser também produtor de obras gráficas, convida ao movimento do fazer manual e a todas as possibilidades de reinvenção do fazer livro.



DESLOCAMENTOS E ROTAS A SEGUIR

Nosso interesse por livros de artista surge justamente de reverberações das feiras de impressos, através do contato direto com elas ou pela divulgação dos trabalhos expostos em seus espaços. Todavia, muito antes desse contato, e de compreender melhor tal maneira de fazer livro, ou até sua denominação como livro de artista, já esboçávamos escritos e desenhos em cadernos ou folhas soltas, estas sempre se acumulavam dentro de algum outro caderno, que logo passava a ter um caráter artístico devido o modo como as folhas se juntavam ali.

Determinado processo de escrita/desenho tendo o caderno como suporte, estendeu-se aos nossos processos artísticos na universidade. Algumas disciplinas provocaram a possibilidade de trabalhar nossa poética no formato livro de artista e então experimentamos sua feitura. Exemplos são os livros “À procura”, de 2018, e “Diálogos ausentes”, de 2019, feitos por Fernanda Asteracea, e “Lugar Comum”, de 2019, criado por Anacoruja (Luana Oliveira).

O interesse pelo objeto livro nos instigou a também pesquisarmos quais outras artistas também estão usando tal suporte para explorar suas poéticas. Traçando um recorte mais abrangente dentro desse circuito, a fim de conhecer as movimentações criativas no território onde estamos inseridas, idealizamos o projeto de pesquisa “mapa-inventário: um mapeamento de livros de artistas produzidos por mulheres no Recôncavo Baiano”. Partindo do nosso lugar de experiência/vivência, identificamos uma necessidade de saber os lugares onde tais mulheres se encontravam e, a partir disso, iniciamos o mapeamento.

Virtualmente, percorremos caminhos desse território que se estende aos seguintes municípios: Cabaceiras do Paraguaçu; Cachoeira; Castro Alves; Conceição do Almeida;

Cruz das Almas; Dom Macedo Costa; Governador Mangabeira; Maragogipe; Muniz Ferreira; Muritiba; Nazaré; Santo Amaro da Purificação; Santo Antônio de Jesus; São Felipe; São Félix; São Francisco do Conde; São Sebastião do Passé; Sapeaçu; Saubara e Varzedo.

Já conhecíamos algumas artistas que também foram sendo citadas por diversas pessoas, como referência, durante a pesquisa; daí então passamos a traçar caminhos e trilhar pistas para identificarmos outras.

Para isso, pensamos na pesquisa como uma cartografia, tendo como foco e ponto de partida as cidades que compõem o Recôncavo da Bahia. Do traçado deste mapa, fomos identificando onde estavam localizadas as artistas e a quais municípios estavam ligadas. Desse modo, cartografar tais trabalhos exigiu muito além de apontar determinadas localizações, implicou também numa aproximação das produções e poéticas das artistas, de modo a traçar o mapa do Recôncavo levando em consideração a diversidade artística que o perpassa.

Captando todo e qualquer sinal das experimentações artísticas investigadas, visitamos sites de busca, criamos um perfil de divulgação do projeto no Instagram, lançando tal proposta, para que desse modo nos fossem indicadas mulheres que produzem ou já produziram livros de artista aqui nessa região. Desse modo, as pesquisas nos levaram a alguns nomes e então lançamos um convite para que as artistas preenchessem um formulário a respeito de suas respectivas produções.

MAPEAR AS ÁGUAS DO PARAGUAÇU

Recôncavo é um substantivo masculino que significa: 1. Espaços ociosos entre rochedos; 2. Pequena Baía; 3. Concavidade; 4. Região em volta de uma cidade ou porto. O Recôncavo baiano é um território situado em torno da Baía de Todos os Santos, envolvendo tanto as cidades litorâneas, como o interior que circunda a Baía, por ele perpassam os rios Paraguaçu, Subaé e Jaguaripe. Sua área formada por 20 municípios, traceja sua superfície e demarca seu território pelas cidades de Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Castro Alves, Conceição do Almeida, Cruz das Almas, Dom Macedo Costa, Governador Mangabeira, Maragogipe, Muniz Ferreira, Muritiba, Nazaré, Santo Amaro da Purificação, Santo Antônio de Jesus, São Felipe, São Félix, São Francisco do Conde, São Sebastião do Passé, Sapeaçu, Saubara e Varzedo.

Pequena Baía rodeada por rios, suas águas rondam até as cidades por onde ele não passa, afinal, é muito comum que eles banhem e percorram produções artísticas visuais e literárias frutos dessa região. No Recôncavo, passamos a cartografar, vasculhando área por área, até encontrarmos os pontos que nos ajudaram a mapear as mulheres que trabalham com livro de artista, nas cidades de Cachoeira, Cruz das Almas, Muritiba, São Félix e Santo Antônio de Jesus.

NORTE AO SUL, CAMINHOS DO RECÔNCAVO

Durante a pesquisa e mapeamento, recebemos indicações (além do que apontaram as buscas virtuais) de diversas mulheres da cidade de Salvador que investem na produção de livros de artista. A partir desses dados, nos questionamos sobre a presença/ausência dos Espaços Institucionais de Arte e Literatura, como Galerias, Feiras Artísticas e Literárias e suas influências em cidades do Recôncavo.

Partindo do dado que Salvador apresenta uma grande circulação em tais espaços, compreendemos que determinado fator acaba gerando maiores oportunidades para artistas e escritoras/es desta área difundirem seus trabalhos. Em contraponto, destacamos também a baixa ocorrência de cursos e oficinas em cidades onde não há os referidos espaços culturais, o que implica na realização dessas atividades somente por iniciativas independentes, dificultando a execução de possíveis projetos nestas cidades.

Por diversas vezes nos indagamos sobre a carência de informações que nos levassem às artistas do Recôncavo baiano, atuantes na produção de livros de artista; reforçando ainda mais o desejo de mapeá-las e identificar seus respectivos trabalhos, conectando-as a uma plataforma onde pudessem ser encontradas por meio de buscas virtuais.

No decorrer da pesquisa nos deparamos com feiras e instituições que fortalecem o movimento de criação de livros de artista dentro da Bahia, como Filexpandido, Incubadora de Artes Gráficas, Tiragem: Laboratório de livros, Flipelô, Flica, Feira de Arte e Impressos, além de editoras que trabalham numa produção mais expandida de livros, dentro da cidade de Salvador.

Em decorrência do mapeamento, algumas editoras e projetos dentro do Recôncavo chamaram nossa atenção, como a andarilha edições, a Oxe Conteúdo (com a editora Bagageiro), as Cartoneras das Iaiá, Irmandade da Palavra, Mulheres do Paraguaçu e

outros. Todos estes são coordenados por mulheres, reforçam a produção independente e a publicações de livros expandidos, gerando uma maior movimentação em torno do livro de artista.

Identificamos uma ligação existente entre muitas das mulheres apontadas durante a pesquisa, com espaços da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e da Fundação Hansen Bahia, os quais oferecem cursos nas áreas de cultura, artes e linguagem. Tal aspecto nos confirma a importância dessas instituições dentro do movimento cultural e artístico, principalmente nas cidades de Cachoeira, São Félix e Santo Amaro, a partir de projetos, oficinas e palestras voltados ao campo das Artes e Literatura.

Diante de tais descobertas, muitos questionamentos nos percorreram. Ao levarmos em consideração nossas vivências como artistas do Recôncavo, podemos afirmar a potência dos trabalhos que nos circundam, mas que devido a dificuldades recorrentes com incentivos financeiros e captações de recursos, tanto de origem estaduais, quanto municipais, tais produções acabam sendo insipientes ou pouco difundidas. De modo geral, a linguagem do livro de artista ainda é pouco conhecida dentro do Recôncavo, ainda que ele venha se expressando cada vez mais ao longo dos últimos anos, em cidades como Santo Antônio de Jesus, Cachoeira, São Félix, Cruz das Almas e Muritiba, onde identificamos alguns, é importante que nos perguntemos o que gera tal incipiência em outras cidades da região.

OS PONTOS NO MAPA

Durante o mapeamento, encontramos dez artistas das cidades de Cruz das Almas, Cachoeira, São Félix, Muritiba e Santo Antônio de Jesus e percebemos pluralidade em suas produções. Notamos poéticas que tratam do corpo feminino, memória, o contexto de pandemia entre 2020 e 2021, histórias contadas pelas mulheres que vivem perto do rio e suas narrativas.

Além de nós, as artistas e projetos identificados foram: Deisiane Barbosa, Juci Reis, Bárbara Uila, Laiara Lacerda, Leila Carvalho, Laiana Vieira, Ana Fraga, Jamile Menezes, Larissa Leão e o projeto Mulheres do Paraguaçu, também o Irmandade da Palavra. Pelas redes sociais e através do questionário, os nomes de Deisiane Barbosa, Ana Fraga e Laiana Vieira acabaram tendo destaque como referência.

Dentre os livros de artista mapeados, há trabalhos serializados em pequenas tiragens, como também livros-objeto com somente um exemplar, livro-nada, livro digital, livro-ilustrado. Eles exploram técnicas que envolvem escrita, bordado em tecido, fotografia, criação de objetos com materiais diversos, performance, cartonnagem e colagem. De modo geral, a cada trabalho percebemos uma forma singular de experimentar tal linguagem.

O INVENTÁRIO



DEISIANE BARBOSA

Em meio a rotas e cartografias, no Povoado do Cruzeiro, entre os limites de Cachoeira e Conceição da Feira, nos deparamos com Deisiane Barbosa, artista visual, escritora e coordenadora da andarilha edições. Em 2015 lançou a primeira edição do livro-objeto “cartas a Tereza: fragmentos de uma correspondência incompleta”, feito de forma independente e que reúne 19 cartas escritas ao longo de quatro anos.

Por meio de suas palavras, Deisiane Barbosa faz um convite às fissuras de um corpo-casa, suas memórias e devaneios, que se deslocam no tempo-espço, entre o gesto de lembrança / escrita / leitura. As cartas transitam entre a realidade e a ficção, seguindo o caminho de seu destinatário – Tereza. Mas, afinal, quem é Tereza? A partir de seu livro-objeto, a artista nos conduz não somente ao papel de leitor/a, como também, a esse lugar de realidade-ficção onde habita a personagem a quem se endereçam os escritos.

Em suas cartas, a artista tece presenças-ausências de uma casa que se desgasta através dos anos, perpassando sua infância, a velhice de seus avós, seus afetos e cotidiano. Conforme um trecho do livro, a remetente questiona frequentemente “como seria habitar uma casa sem teto, Tereza?”.

Anteriormente à feitura do livro-objeto, alguns trechos das cartas se expandiram em uma série de cartões-postais, distribuídos em caixas de correio por cidades do interior da Bahia. Assim, em meio às suas derivas, “cartas a Tereza” se locomovem por outras linguagens além do texto, como videocartas e performances.

Partindo para a configuração do objeto-livro, a artista costura “cartas a Tereza” em uma tiragem de 100 exemplares, com o livro em formato quadrado, em 15cm x 15cm, capa e contracapa de cor amarela, miolo com as cartas em páginas coloridas e guardado em um envelope de papel vegetal costurado.





Deisiane Barbosa. "cartas a Tereza", 2015.

ANA FRAGA

Seguindo os pontos no mapa, encontramos Ana Fraga, artista visual que habita a cidade de São Félix. Seus trabalhos permeiam performances, instalações e desenho, cujos processos partem, principalmente, de questões sociais e de gênero, na contemporaneidade.

A artista busca capturar os pontos e linhas deixados ao longo do seu processo poético, trazendo a performance como algo essencial, onde seu corpo passa a ser as páginas do livro; entre desenhos de linhas, rasgos e tecidos, questiona e tensiona aspectos sobre a sociedade contemporânea à qual ela tende seu percurso imagético.

Subvertendo a forma do objeto livro e usando seu corpo como papel, pinta e escreve sobre a pele e mãos. Ana Fraga nos conta que “o corpo é memória e energia”, ao pensar tal produção ela tenta capturar narrativas e princípios que rodeiam seu trabalho, e que a partir da construção do livro de artista estão sendo desdobrados outras obras e linguagens artísticas.

O livro é o início e resumo de inquietações que estão ainda repercutindo em suas investigações poéticas. Em deriva de sua vivência como performer, ela recapitula, na ação-criação, uma maneira de ressignificar o corpo da mulher e a forma como são vistas, através de desenhos e palavras (como útero) e linhas em formas que remetem ao corpo e ao tecido. Para Ana, recorrer a tais imagens e palavras propõe um resgate da ancestralidade e traz maneiras de repensar o corpo feminino.

Em “Útero autorretrato livro do corpo”, na dicotomia entre a efemeridade da performance e seu registro através de fotografias e scanners, percebemos um modo de transformar tais questões, que por muito tempo foram diluídas, em convergência com essas subjetividades, em algo que é preciso ser dialogado e movimentado rumo ao encontro cotidiano do corpo com a ancestralidade.

Tal corpo carregado de significados se expande através dos desenhos, palavras e linhas. Ana Fraga escreve, através da tinta preta, formas e linhas que remetem a um corpo, como se estivesse em processo de sutura/cicatrização, e cujos detalhes, que se assemelham à costura, vão sendo revelados através do processo de scanner do desenho feito pela artista.

Ana Fraga, "Útero autorretrato livro do corpo".



And Fraga, "De como vai ser o meu futuro II".



MULHERES DO PARAGUAÇU

Iniciado em 2018, Mulheres do Paraguaçu é um projeto que tem concepção e direção artística de Larissa Leão e vem acontecendo por cidades banhadas pelo rio Paraguaçu. A partir de práticas artísticas e educacionais, propõe-se a evidenciar narrativas femininas, assim como salvaguardar seus conhecimentos, populares e tradicionais, atendendo ao cotidiano e às ligações das mulheres participantes com o rio.

Em Maragogipe foram ofertadas oficinas de bordado e contação de histórias, propostas pelas artistas Daniele Andrade e Laura Franco. Nas atividades junto às mulheres da cidade, criou-se de forma coletiva o livro viajante “O Mistério do Mangue”, cuja proposta baseava-se numa ideia anteriormente desenvolvida pela Daniele Andrade e que foi levada ao projeto Mulheres do Paraguaçu.

Partindo dos vínculos e vivências das mulheres dali, com o rio e suas narrativas, o livro investiga as relações de memórias que elas possuem, tanto individual, como coletivamente. Assim, escolheram contar a história da menina Carol, que percebe que a cidade não realiza mais festas para a vovó do mangue. A partir disso começa uma jornada para tentar trazer novamente tais festejos e ritos ao lugar.

Com grandes dimensões, o livro é materializado em tecido e abriga cenas construídas a partir de bordados e retalhos de panos. Assim, através do objeto, são tecidas narrativas reunidas pelas mulheres participantes das oficinas.

Observamos em cada detalhe, seja nas escolhas dos tipos de tecidos, cores ou nos desenhos e traçados da linha, uma estética que entrelaça tais mulheres e seus cotidianos, aos elementos relacionados às divindades, à natureza, à história local e ao próprio rio Paraguaçu.

Nas páginas feitas com retalhos, remontamos a um saber mantido por mulheres durante gerações e que registra memórias afetivas de muitos moradores do Recôncavo que já

tenham visto alguém fazendo ou usando uma colcha de retalhos. Essa prática continua sendo fonte de renda para muitas moradoras das localidades e podemos encontrá-las em feiras e mercados locais.

Identificamos no livro viajante “O Mistério do Mangue” uma história que perpassa memórias, como uma feitura derivada de práticas artesanais que fazem parte da cultura popular, suas tradições, cotidiano e ritos das cidades por onde perpassam o projeto e suas mulheres.



Mulheres do Paraguaçu. "O mistério do Mangue", 2018.



JUCI REIS

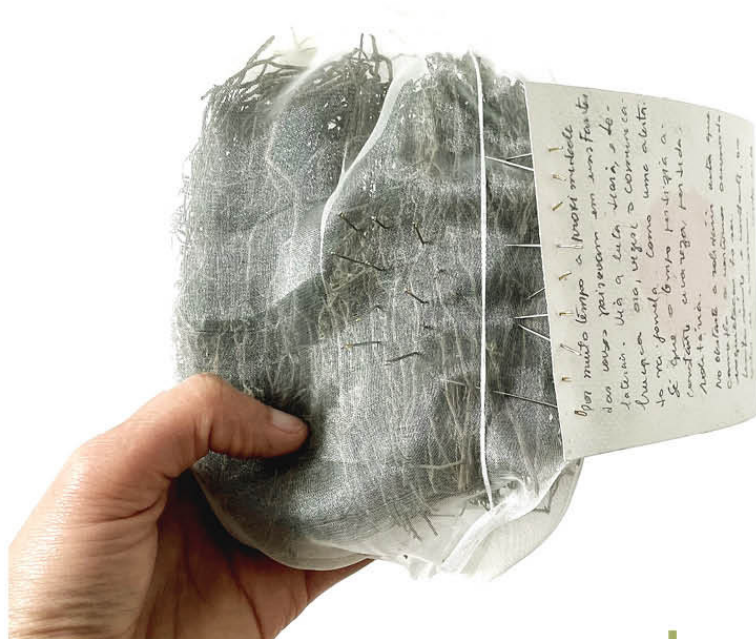
Seguindo percurso, encontramos Juci Reis: nascida em Santo Antônio de Jesus, atua nas áreas de gestão cultural e curadoria, realizando atividades no CCB: Centro Cultural Brasil – México, Centro Cultural Brasil – Angola e Centro Cultural Brasil – Moçambique, também como co-fundadora do Harmonipan Estúdio e diretora do Flotar Programa. Desde 2003 realiza trabalhos com livros de artista, tendo produzido, em 2012, o livro “Jandira”.

Juci Reis o apresenta como ‘livro-coisa’, ‘livro-nada’. Ele apoia-se no conceito do objeto livro se expandindo, tomando outro caminho. Percebemos na escolha de materiais que a artista se apropria e ressignifica elementos diversos, como o alfinete, o tecido, a linha, papel, ferramentas que são ligados à costura e ao fazer manual; assim como a escolha da arruda, a qual estabelece ligação com chás, rituais, a natureza, e nos apresenta um objeto esteticamente escultórico/instalativo que ultrapassa a noção de livro.

O objeto de arte faz uma conexão entre a memória-ritual, conecta-se com o tempo e narra a transição do tempo de Jandira. A artista nos conta que o livro foi feito embaixo de um pé de jaca e que possui o tamanho de 28 x 12 x 5 cm, elaborado em tecido de cetim, 13 agulhas de cor prata com ponta dourada, arruda orgânica seca e papel algodão. Juci Reis conecta esta criação à escrita expandida e expressa em seu livro-nada a transição do tempo da personagem, ausente, volátil, materializada sobre a tela de cetim e maços de arruda seca, costurados com fio branco e agulhas.



Jandira



Jandira

Conto 19

LAIARA LACERDA

Advogada, poetisa e fotógrafa, Laiara Lacerda reside em Santo Antônio de Jesus e apresenta em seus trabalhos, de forma muito sensível, questões sobre autoimagem e autoestima da mulher, como modo de ressignificar as diversas opressões vivenciadas por nós ao longo da história.

Em 2020 a artista trabalha em o “Labirinto de Aia”, uma série de fotografias que se baseia no mito grego sobre a deusa Hécate. Trazendo elementos como magia, fogo, a flor do deserto, sua certidão de nascimento, o sangue, o peixe, entre outros. Laiara Lacerda busca restituir, através de sua poética, a visão desse feminino ancestral e que por muito tempo oprimido, ressoa pelo interior das águas e elementos da natureza que a circundam, como uma forma de reinventar determinadas realidades.

Na obra mencionada, a artista expõe suas inquietações e derivas sobre a visualização da mulher-objeto, por meio da linguagem do livro de artista. Usando materiais que remetem ao “mundo feminino”, ela se apropria de elementos como a flor de girasol, representando o corsage que remete a uma memória-afetiva de seu casamento; também cordas, certidão de nascimento, fotografias, estojo de tecido, livro de poesia e um ‘mapa labirinto’ feito com moldes de costura de sua mãe. Em suma, ressignifica uma série de objetos relacionados ao seu cotidiano-afetivo e que interagem com os possíveis lugares de representação desse corpo-mulher-objeto.

Apontando outros lugares para o corpo feminino, Laiara Lacerda fala que “ao final, queima-se a corda e a mulher ‘acorda.’” Assim como repensa esses espaços para outras mulheres, a artista reconstrói seu próprio lugar, reconhecendo em si tal encontro ancestral; reconstituindo em seu labirinto a ação de expor as opressões, também com o objetivo de ressoar na memória desse corpo que é chave e espaço de transmutação e nascimento das mulheres.



o labirinto de aia





Laiara Lacerda. "O labirinto de Aia", 2021.

LEILA CARVALHO

Leila Carvalho é artista visual da cidade de Muritiba e tem sua produção atrelada à arte têxtil. O interesse pela costura vem desde muito cedo, ao observar sua mãe remendar roupas; assim, tomou para si o uso de linha e agulha a fim de criar peças para suas bonecas e objetos em miniaturas.

No bacharelado em Artes Visuais pela UFRB, aprofundou sua pesquisa na arte têxtil e encontrou no bordado a possibilidade de explorar sua expressão artística, sendo que podemos ver uma amostra disso em seu livro de artista digital “Tecendo Novos Sentidos”. Leila conta que ele propõe um relato sobre experimentações na arte do bordado, com o intuito de elaborar ideias e sentimentos a partir das vivências atuais da pandemia. Trata-se de uma produção poética que passa pelas artes têxteis no âmbito das artes visuais, provocando uma resignificação de frases tidas como motivacionais, e que ganham novos sentidos em tempos de pandemia da Covid-19, uma vez relacionadas a objetos do nosso cotidiano.

A artista borda máximas do dia-a-dia, frases muito comuns de motivação que escutou neste período pandêmico. Assim, ilustra e resignifica tudo isso através de objetos costurados em tecidos, cada sequência de páginas é uma surpresa visual e tátil, devido à variedade de objetos anexados no decorrer do livro. Leila propõe uma resignificação da palavra-objeto dentro das limitações de espaço que a pandemia nos impôs; através da linha no tecido, cria a possibilidade de reflexão sobre as frases repetidas e expande seus significados – ora fazendo uso dos objetos para ilustrá-las, ora brincando com a dualidade de sentidos que o arremate da palavra com o objeto provoca.

A própria capa e contracapa do livro é uma provocação. A artista explora o avesso de um papel carbono usado para demarcar o traço no tecido, as palavras figuram ao contrário, provocando o olhar ao tentarmos decifrar o que ali foi escrito; desse modo, convoca leitoras/es a buscarem sentidos na visualidade proposta.

Inspira

Expira

AT



A vida é um sopro.



leila carvalho



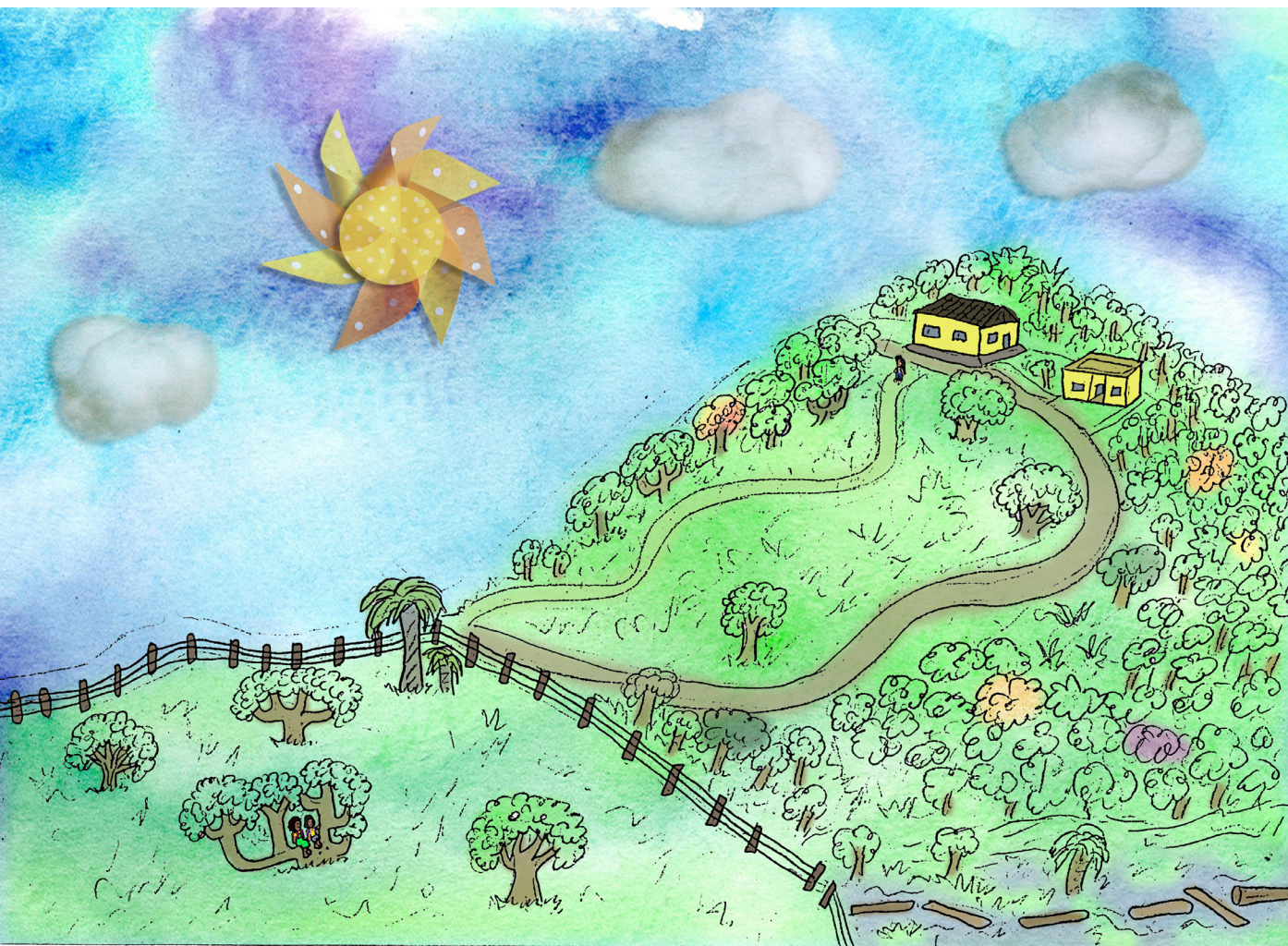
JAMILE MENEZES

Jamile Menezes é artista visual residente na cidade de Cruz das Almas, atua como arte-educadora, ilustradora, fotógrafa, designer, editora de vídeos e atriz. Publicou o livro "As escolas de Joana" como Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O livro conta a história de Joana, uma menina de 8 anos que vive na zona rural, com a mãe, o pai e dois irmãos, muito longe da escola.



Jamile diz que a ideia do livro surgiu de sua experiência como arte-educadora e contadora de histórias e a partir de sua percepção sobre a necessidade de representar as crianças negras e da zona rural; além da importância em reforçar a parceria entre escola e família, mostrando que aprendemos com todo mundo e em qualquer lugar.

“As escolas de Joana” é um livro de artista infantil que aborda a educação em diversos espaços de aprendizagem, com ilustrações que mesclam o desenho digital com colagem, gravura e pintura. Jamile ainda propõe atividades onde as crianças possam criar seus próprios livros com desenhos e histórias.



BÁRBARA UILA

Bárbara Uila é poeta, atriz, arte educadora, produtora cultural, mãe e autora de três livros de poesia: “Pelas Bárbaras do Profeta”, “Histórias Forasteiras” e “Rosa dos Ventos” – todas publicações independentes, produzidas e distribuídas pela autora. Bárbara é também idealizadora do projeto literário Irmandade da Palavra e da editora Cartonera das laiaí.

“Rosa dos Ventos” é um pequeno livro de poemas, impresso pela Sociedade da Prensa, seu formato é bastante fluido, as folhas seguem uma sequência de dobraduras que se desdobram em versos.





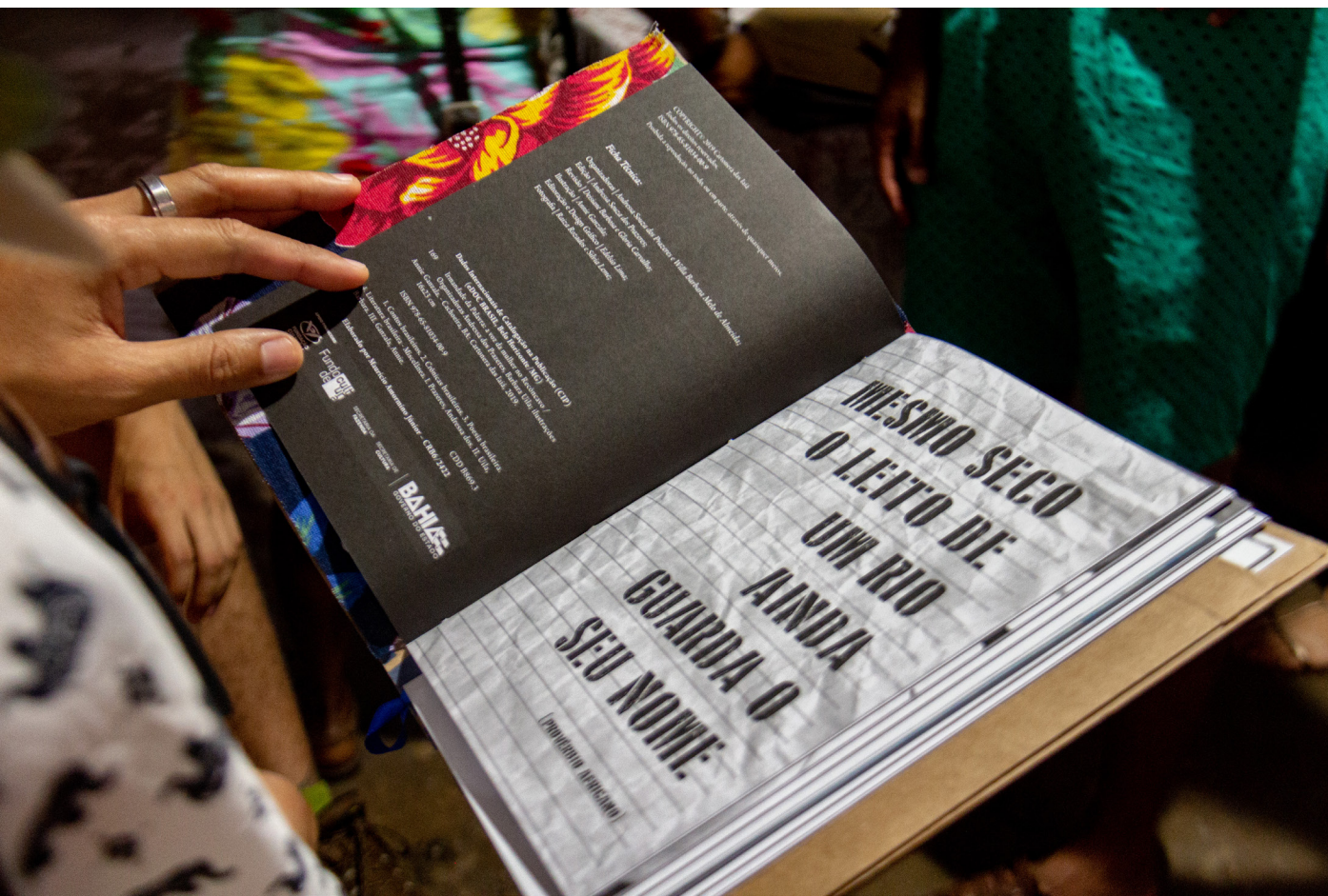
IRMANDADE DA PALAVRA

A Irmandade da Palavra foi um projeto literário aprovado pelo Edital Setorial de Literatura / 2016, da SecultBA, e reuniu um conjunto de oficinas itinerantes de poesia e contação de história, oferecidas para mulheres no Recôncavo, tendo como suportes a escrita criativa, leitura dramática, performance, fabricação de livros artesanais, vídeo, intervenção poética e autopublicação.



A Irmandade realizou oficinas de autopublicação em Cachoeira, São Félix, Saubara e Acupe de Santo Amaro. Dentre as atividades, citamos a “Catadoras de Poesia – livros de papelão e publicações independentes”, uma vivência de leitura e encadernação de livro que propunha o uso do papelão como matéria-prima.

O projeto também lançou o livro de artista “Irmandade da Palavra – a voz da mulher no Recôncavo”, escrito por mulheres nascidas e vividas nesta região. A publicação explora a diversidade de materiais em sua composição; tem capa em papelão, mistura de texturas nas folhas do miolo, em gramaturas diversas, e tecido de chita na contracapa, brinca com gravuras e carimbos, tanto na capa, quanto no decorrer das páginas.



LAIANA VIEIRA

Laiana Vieira é de Santo Antônio de Jesus, formada em língua portuguesa, especialista em linguagem e fotografia, profissionalizou-se em roteiro e vídeo, atua na área de ilustração e escrita criativa. Autora de “Para viVER com o coração”, um livro em formato de caixa de madeira, tamanho 14 cm x 16 cm, contendo uma série de ilustrações em folhas soltas, as quais provocam reflexões filosóficas sobre a vida.

Segundo a artista, as folhas soltas e outros elementos do livro provocam a ideia de movimento e do pensamento livre. O próprio fato de estar guardado numa caixa, implica no conceito de movimento, envolve o gesto de desamarrar o cordão que a fecha para poder revelar as ilustrações de traços leves, acompanhadas de frases reflexivas.





Laiana Vieira. Para viver com o coração, 2018.

DELINEAMENTO CARTOGRÁFICO

Dentro do percurso traçado entre os 20 municípios do Recôncavo da Bahia, à procura de livros de artista feitos por mulheres, identificamos oito artistas e dois projetos, em cinco cidades. A partir dessas obras, percebemos uma pluralidade de trabalhos que recorrem desde a experimentação de materiais e técnicas, à expansão da matéria livro para outras linguagens e formas.

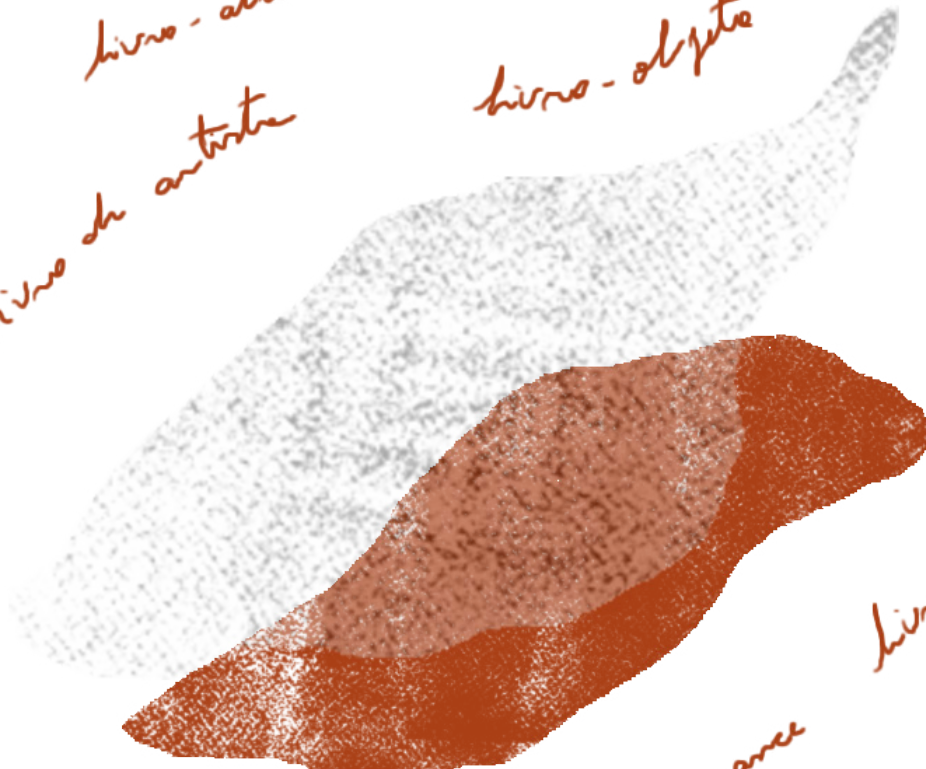
No entanto, analisando a quantidade de cidades às quais a pesquisa se estendeu, percebemos uma produção ainda muito pontual, mas num processo gradativo de expansão. Se compararmos a cidades como Salvador e outros grandes centros, o número dessas criações não chega nem a 1/3 dos livros de artista produzidos ali.

Com base nessas investigações, também observamos que a produção desse tipo de livro ainda é muito restrita por estar pautada num pensamento/conceito ainda pouco explorado – muitas vezes até desconhecido. Um sinal disso é que muitas pessoas contatadas chegaram a confundir os formatos de livros independentes, livros de artista e livros funcionais.

Considerando as práticas alternativas como meio de expandir o conhecimento desse novo suporte, de se pensar e conceber o objeto livro, acreditamos que esse movimento paralelo fomenta uma instigação para que outras artistas/escritoras do Recôncavo conheçam e possam explorar tal formato em seus trabalhos. Assim, acreditamos no quão importante é a realização de atividades e projetos que possam expandir o movimento de escrita criativa, livros independentes e produção de imagens, seja na fotografia, desenho, colagem, ou em outras linguagens.

livro - alterado
livro de artista

livro - poesia
livro - objeto



livro - obra

livro - performance

livro - expandido

obra - livro

caderno de artista

livro - caixa

caderno de todos

REFERÊNCIAS

BASCHIROTTTO, Viviane. Livro de artista: palavra-imagem-objeto. RevistaValise, Porto Alegre, v. 6, n. 11, ano 6, julho de 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevistaValise/article/view/62239>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRITTO, Ludmila da Silva Ribeiro de. A poética multimídia de Paulo Bruscky. Salvador; Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/9824/8/Ludmila%208.pdf>. Acesso em 10 jan. 2021.

CANONGIA, Ligia. Barrio Dinamite. In. Artur Barrio. Rio de Janeiro: Modo, 2002. p.95.

DERDYK, Edith. A narrativa nos livros de artista: por uma partitura coreográfica nas páginas de um livro. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 164 - 173, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/1532>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PANEK, Bernadette. O livro de artista e o espaço da arte. Anais IV Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba: editora Elisabeth Seraphim Prosser, outubro de 2005. Disponível em: http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/anais3/bernadette_panek.pdf. Acesso em: 12 maio 2021.

Revista Miolo n1. Salvador; Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: <http://www.tiragem.ufba.br/publicacoes/revista-miolo/>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SOUZA, Márcia Regina Pereira. O livro de artista como lugar tátil. Florianópolis: Editora da UDESC, 2011. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=178244. Acesso em: 12 maio 2021.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. Palavras e imagens em livros de artista. Pós: Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 82 - 103, mai. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15432>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LISTA DE IMAGENS

pp. 12 - 13

Edith Derdyk, "Rasuras". Livro de artista, 2002.

Fonte: <http://cargocollective.com/edithderdyk/Livros-de-Artista>

p. 14

Lygia Pape. "Livros de Criação". 1959

Fonte: <https://www.museoreinasofia.es/en/collection/artwork/livro-da-criacao-book-creation>

p. 15

Frida Kahlo, diário.

Fonte: <https://www.fridakahlodiario.com/eldiario>

pp. 26 - 27

Deisiane Barbosa. "cartas a Tereza", 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Deisiane Barbosa.

p. 29

Ana Fraga, "Útero autorretrato livro do corpo".

Fonte: Acervo pessoal de Ana Fraga.

p. 30

Ana Fraga, "De como vai ser o meu futuro II".

Fonte: Acervo pessoal de Ana Fraga.

pp. 32 - 33

Mulheres do Paraguaçu. "O mistério do Mangue", 2018.

Fonte: Acervo pessoal do projeto Mulheres do Paraguaçu.

pp. 35 - 36

Juci Reis. "Jandira", 2012.

Fonte: Acervo pessoal de Juci Reis.

pp. 38 - 40

Laiara Lacerda. "O labirinto de Aia", 2021.

Fonte: Acervo pessoal de Laiara Lacerda.

pp. 42 - 44

Leila Carvalho. "Tecendo novos sentidos", 2021.

Fonte: Acervo pessoal de Leila Carvalho.

pp. 45 - 46

Jamile Menezes. "As escolas de Joana", 2015.

Fonte: Acervo pessoal de Jamile Menezes.

pp. 47 - 48

Bárbara Uila. "Rosa dos ventos", 2016.

Fonte: Acervo pessoal de Bárbara Uila.

pp. 49 - 50

Irmandade da palavra, 2019.

Fonte: Acervo pessoal da Irmandade da palavra.

pp. 51 - 52

Laiana Vieira. "Para viVER com o coração", 2018.

Acervo: Acervo pessoal de Laiana Vieira.

SOBRE AS AUTORAS

FERNANDA ASTERACEA reside em Cruz das Almas, Bahia. Artista Visual e Ilustradora, aterra vestígios visuais e afetivos por meio de palavras, imagens, desenhos e linhas; cartografando memórias e experiências corporais – devires, sempre suscetíveis a novos movimentos. Bacharel em Artes Visuais pela UFRB, em 2018 lançou o livro-postal independente à procura; em 2020 ilustrou o livro ‘a guardadora da ponte e outras biografias inventadas’ de Rubens da Cunha; participou das exposições coletivas 1º Salão Nacional de Artes Visuais Virgínia das Artigas, Mostra [2055] UFRB, Nós Mulheres Artistas, exposição virtual Desverdevires e do Fotolivro digital EVOCA.

fasteracea@gmail.com
@asteracea__

LUANA OLIVEIRA (que também atende por Anacoruja) é ilustradora, artista visual e costureira de papel no Ateliê Alinhavos. Gosta de transformar rabiscos em acontecimentos aleatórios. Nascida em Feira de Santana - BA, vive em Cachoeira desde 2016.

anacoruja.lo@gmail.com
@anacoruja

©Fernanda Asteracea, 2021.

©Luana Oliveira, 2021.

Todos os direitos reservados.

A reprodução parcial deste livro sem fins lucrativos, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio impresso ou eletrônico está autorizada, desde que citada a fonte.

REVISÃO, EDIÇÃO & DIAGRAMAÇÃO

Deisiane Barbosa

ILUSTRAÇÕES

Fernanda Asteracea

IDENTIDADE VISUAL CAPA

Estúdio Arumã

.....

Asteracea, Fernanda.

Oliveira, Luana.

mapa-inventário: um mapeamento de livros de artista produzido por mulheres no Recôncavo Baiano: Fernanda Asteracea; Luana Oliveira.

– 1. ed. – Conceição da Feira: andarilha edições, 2021, 56 pp.

Livro digital.

ISBN 978-65-994333-8-2

1. Artes visuais. 2. Livro de artista. 3. Recôncavo da Bahia.

.....

www.mapainventario.com

@projeto_mapainventario

Este livro foi composto nas tipografias Overlock e Questrial.
Esta é uma publicação da andarilha edições, produzida na
casamendoeira, em maio de 2021.



Povoado do Cruzeiro, zona rural
44320-000, Conceição da Feira – BA
www.andarilhaedicoes.com.br
andarilhaedicoes@gmail.com
[@andarilhaedicoes](https://www.instagram.com/andarilhaedicoes)



O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro:

FUNDAÇÃO
CULTURAL
ESTADO DA
BAHIA

fun-
ceb



GOVERNO
DO ESTADO

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL